

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

... ad ea quas sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## Summario

**C**ARTA ENCYCLICA DO NOSSO SS. PADRE LEÃO XIII AOS BISPOS DE ITALIA. — SECÇÃO RELIGIOSA: *Tratado da Religião em Geral* (continuação, V. de P. P. — SECÇÃO HISTORICA: *S. Januario em Napolos*, pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz; *O monumento ao marquez de Pombal, XI*, por Elias de Sampaio. — SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas. — SECÇÃO LITTERARIA: *Aos pés da Cruz*, poesia por Joaquim Pestana. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *D. Marcelino Menéndez Pelayo; Igreja dos Clerigos, no Porto; Proezas da moderna Revolução*, por R. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. — *Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande.*

GUIMARÃES 31 DE MARÇO DE 1882

**R**ETIRAMOS o nosso artigo de fundo para dar publicidade á seguinte



D. MARCELINO  
MENÉNDEZ PELAYO

Carta encyclica do  
nosso Santissimo  
Padre o Papa Leão  
XIII pela Divina  
Providencia Papa

*Aos seus veneraveis  
Irmãos, os Arcebispos,  
Bispos e demais Ordinarios de  
Italia.*

VENERAVEIS IRMÃOS

Saude e Benção  
Apostolica.

Posto que todo o mundo christão e cada uma de todas as suas partes sejam, em virtude da auctoridade e extensão do Nosso Munus Apostolico, objecto da Nossa mais viva caridade e vigilancia, hoje, todavia, a Italia chama sobre si, por motivos especiaes, as Nossas sollicitudes e preoccupações. Ellas se dirigem a alguma cousa de mais elevado e de mais santo que os negocios humanos; porque Nos achamos inquieto e preocupado com a salvação eter-

na das almas, e para a qual devemos dirigir e empregar os Nossos esforços tanto mais quanto maiores são os perigos a que a vemos exposta.

Se houve tempo em que foram graves, na Italia, os perigos d'esta natureza, elles o são, a mais não poder ser, no dia de hoje, em que o mesmo estado das cousas publicas é extremamente funesto para a prosperidade da Religião.

E Nós sentimo-Nos tanto mais viva-

mente commovido, quanto nos unem laços particulares à Italia, na qual collocou Deus o domicilio do seu Vigario, o Magisterio da Verdade e o centro da Unidade Catholica.

Temos, n'outras circumstancias, advertido o povo de que se acautelle e comprehenda bem quaes são os deveres, que a cada um incumbem no meio de tantos perigos.

Comtudo, em face do aggravamento do mal, queremos, Veneraveis Irmãos, despertar de novo a vossa attenção e o vosso zelo a fim de que, depois de terdes verificado o mau rumo geral, que as cousas vão levando, trabalheis com novos cuidados em premunir as almas e cercal-as de todos os meios de defeza, para que se lhes não arrebatem o mais precioso dos thesouros—a fé catholica.

Acha-se estabelecida, ha muito tempo, na Italia, uma seita funestissima, cujos auctores e chefes não occultam nem dissimulam os seus projectos; e tendo esta seita declarado guerra a Jesus Christo, exforça-se por despojar o povo de todas as instituições christãs.

Qual a sua audacia e os seus progressos, não ha necessidade de dizel-o, sobre tudo a Vós, Veneraveis Irmãos, que tendes deante dos olhos as brechas e as ruinas já feitas por ella na fé e nos costumes.

No seio das populações italianas, que desde sempre permaneceram constantemente fieis à religião dos antepassados, a liberdade da Egreja está presentemente muito quebrantada e trabalhada com uma actividade cada vez mais febril de dia para dia por fazer desaparecer de todas as instituições publicas aquella forma e como que aquelle character accentuadamente christão, que fez sempre a justa gloria do povo italiano. São supprimidas as communidades religiosas; postos em hasta publica os bens da Egreja; celebrados os casamentos fora dos ritos catholicos; e nenhuma parte foi deixada ao poder ecclesiastico na educação da juventude.

A cruel e lamentavel guerra emprendida contra a Santa Sé Apostolica prosegue sem treguas e sem piedade, e d'ahi resulta que a Egreja sofre provações incriveis e que o Pontifice Romano está reduzido à mais dura das extremidades. Espoliado do poder temporal, acha-se, em verdade, necessariamente sob o sceptro e dominação d'outrem.

Quanto à cidade de Roma, a mais augusta das cidades christãs, ella está accessivel e aberta a todos os inimigos da Egreja e manchada por innovações profanas, escholas e templos hereticos que ahi se erguem por todos os lados. Ainda mais. Está annunciado que ella deve receber este anno mesmo os delegados e chefes mais hostis à Religião

Catholica, que a ella virão para celebrarem um congresso. Facil é de ver qual o motivo da escolha d'este logar de reunião; pretende-se pôr o remate por uma injuria atrocissima, ao odio que se concebeu contra a Egreja, e atacando o Pontificado Romano até à sua propria Séde, agitar de perto os factos fataes da guerra.

E' fora de duvida que a Egreja sairá um dia victoriosa dos exforços dos impios, mas é certo e evidente que elles querem, por taes meios, atacar, ao mesmo tempo que o seu Chefe, todo o corpo da Egreja, e, se fosse possivel, destruir a Religião.

Parece incrível um tal projecto da parte d'aquelles que se proclamam amigos da Italia, porque a Italia, perdendo a fé catholica, perderia totalmente a fonte dos maiores bens. Se, com effeito, a Religião Christã levou a todas as nações as melhores garantias de salvação, a santidade dos direitos e o respeito da justiça; se, consocia e amparo de tudo quanto é honesto, louvavel e grandioso, domou em todos os logares da terra, por sua virtude efficacissima, as paixões cegas e temerarias dos homens; se restabeleceu em toda a parte uma concordia perfeita e duravel entre as diversas classes da sociedade e entre os cidadãos, certamente que ao povo italiano, mais que a nenhum outro, ella prodigalisou esses grandes beneficios.

E' um crime e uma falta vergonhosissima d'um grandissimo numero d'homens dizer que a Egreja é prejudicial ao bem estar ou ao progresso do Estado e encarar o Pontificado Romano como um inimigo da prosperidade e da grandeza da Italia. Mas todos os monumentos do passado fazem altamente justiça sobre estes queixumes e accusações absurdas. E', com effeito, à Egreja e aos Soberanos Pontiffes que a Italia, deve, principalmente, ter propagado a sua gloria por todos os povos, não ter succunbido às reiteradas invasões dos barbaros, ter repellido victoriosamente os ferozes assaltos dos Turcos, ter conservado por longo tempo, em muitas cousas, uma justa e legitima liberdade e ter enriquecido as suas cidades de numerosos e immortaes monumentos artisticos.

Não é das menores glorias dos Pontiffes Romanos ter sempre mantido na unidade, pelos laços communs da fé e da Religião, as provincias italianas, diferentes em character e costumes e tel-as preservado de discordias, ainda as mais funestas. Mais d'uma vez, nas epochas revoltas e calamitosas, os negocios publicos iam ser precipitados na ruina, se o Pontificado Romano não tivesse tido o poder de salvá-os. E este poder não seria menos efficaz no futuro, se a vontade dos homens não neutralisasse a sua

virtude, ou não empecesse a sua liberdade, porque a benefica energia que reside nas instituições catholicas, energia que deriva da natureza das mesmas, é immutavel e perpetua: Da mesma sorte que para a salvação das almas a Religião Catholica abrange todos os logares e todos os tempos, assim tambem, nas cousas civis, ella é, sempre e por toda a parte, utilissima aos homens.

Vindo a desaparecer n'um estado tantos e tão grandes beneficios, succedem-se os maiores dos males, porque os inimigos da Sabedoria Christã, quaesquer que sejam as suas pretensões em sentido contrario, conduzem o Estado para a sua ruina. Nada ha, em verdade, mais proprio que as doutrinas d'elles para inflammar violentamente os espiritos e sublevar as mais funestas paixões. Elles não desistem, nas materias que fazem o objecto dos conhecimentos e da sciencia humana, de repudiar a celeste luz da Fé, e, extincta esta luz, o espirito humano é, em geral, impellido para toda a casta d'errros, já não distingue a verdade e facilmente chega a cair n'um abjecto e horrivel materialismo.

No que toca aos costumes, elles desdenham a razão eterna e immutavel, desprezam a Deus, auctor e vingador supremo das leis; e subvertidos estes fundamentos, resulta d'ahi que, faltando a toda a lei sancção sufficiente, a regra da vida é unicamente procurada na vontade e no capricho dos homens. No Estado a liberdade immoderada que elles exaltam e pretendem, gera a licença; a licença é seguida da perturbação da ordem, que é o maior e o mais funesto flagello da sociedade civil. Nunca houve Estado, cuja forma fosse mais consternadora ou a condição mais miseravel do que aquelle, em que por algum tempo puderam prevalecer taes doutrinas e taes homens. E se não tivessemos exemplos recentes, dir-se-ia incrível que homens cheios de crimes e d'audacia, tenham podido amontoar tantas ruinas, e, conservando como um brinquedo derisorio o nome de liberdade, entregar-se a taes saturnaes de morticínios e d'incendios.

Se a Italia não soffreu ainda tão terribes provações, devemos primeiramente attribuil-o a uma graça especial de Deus; mas devemos tambem assignar-lhe por causal o facto de que, tendo a maioria dos italianos perseverado christãmente na Religião Catholica, não tem podido tornar-se dominante o contagio das opiniões perversas, de que acabamos de fallar. Se, porém, as barreiras que estabelece a Religião chegam a romper-se, a Italia cahirá para logo n'essas mesmas catastrophes que feriram, em certas epochas, mui grandes e florentissimas nações.

E' lei, com effeito, que a similhaça

dos resultados se derive da similitude das doutrinas e, desde o momento em que as sementes estão affectadas do mesmo mal, é impossivel que não produzam absolutamente os mesmos fructos. Ainda mais. O povo italiano receberia talvez um castigo maior por haver trahido a Religião, visto que a ingratião coroaria a perfidia e a impiedade. Porquanto, não foi pelo acaso ou pela vontade variavel e incõstante dos homens que foi dado à Italia ser desde o começo participante da salvação trazida por Jesus Christo, possuir no meio d'ella e no seu proprio seio a Cadeira do Bem-aventurado Pedro, e, durante uma longa serie de seculos, fruir os grandes e divinos beneficios que naturalmente promanam da Religião Catholica. Por isso é que ella terá muito e muito a temer a sentença ameaçadora que o Apostolo dirigia aos povos ingratos: «Quando uma terra, mimosa da chuva que a rega, produz os fructos convenientes d'quelle que a cultiva, ella recebe a benção de Deus; mas, quando ella produz espinhos e cardos, é abandonada, atrahida a maldição e por fim é entregue ao fogo. (1)

(Continúa).

## Secção Religiosa

### TRATADO

DA

## RELIGIÃO EM GERAL

### CAPITULO III

(Continuação)

### ARTIGO III

#### Do culto divino

XLVI

O CULTO (2) divide-se em culto interno, externo e publico. O culto é interno, quando o homem se entra dos sentimentos que a religião inspira, sem os manifestar exteriormente por algum signal. O culto é externo, quando os sentimentos de nossa alma se patenteam externamente por palavras ou por outros movimentos do corpo. O culto vem a ser publico, quando é prestado de uma maneira mais ou menos solemne. Nós devemos um culto a

(1) Heb. vi — 7, 8.

(2) Culto é a homenagem que o homem presta a Deus por meio de actos de sua alma e de seu corpo, em correspondencia com as perfeições divinas.

Alves de Souza.

Deus; é este tão necessario como a religião, por isso que a religião consiste no culto de Deus. Este culto deve ser interno; a homenagem que se presta a Deus, se não nascer do fundo do coração, não pode passar de um insulto: «O Senhor é espirito, e convém que aquelles que o adoram, o adorem em espirito e verdade; *Spiritus est Deus, et eos qui adorant eum, in spiritu et veritate oportet adorare* (1).» Mas não é bastante este culto: embora o culto externo e o culto publico derivem o seu valor todo dos sentimentos interiores; embora as solemnidades mais pomposas, as festas mais brillhantes sejam só tão agradaveis a Deus quanto acompanhadas das homenagens do espirito e do coração; comtudo, porque o culto externo e o culto publico dimanam naturalmente, o primeiro, da constituição do homem, e o segundo, das suas relações com a sociedade, estes dois cultos ou estas duas maneiras de honrar a Deus fazem necessariamente parte da religião, como o provam aliás a experiencia de todos os tempos e a pratica de todos os povos antigos e modernos.

XLVII

Primeiro, a necessidade do culto externo deriva da natureza do homem. O culto puramente interno ou espiritual é culto proprio só dos espiritos, dos anjos. Mas não é do homem, porque o homem não é um puro espirito; é um sêr composto de duas substancias, em verdade distinctas, mas tão estreitamente unidas entre si, que elle nada pode fazer senão com o auxilio de seus órgãos; não pode sequer dar-se a qualquer sentimento, seja qual fôr o seu objecto, sem que esse sentimento se manifeste no exterior de uma maneira qualquer. «Deus unindo a materia ao espirito, associou-a á religião, e de um modo tão admiravel, que quando a alma não tem a liberdade de satisfazer seu zêlo servindo-se da palavra, das mãos, das genuflexões, sente-se como privada de uma parte do culto que ella quizera prestar, e até mesino d'aquella que mais consolação lhe daria: mas se ella é livre, e tudo que sente no seu intimo a commove vivamente e a penetra, então os olhos fitos no céo, as mãos erguidas, os canticos, as genuflexões, as adorações diversificadas de mil maneiras, as lagrimas que o amor e a penitencia geram e fazem igualmente correr, alliviam-lhe o coração supprindo-lhe a falta de poder; e parece que, em vez de ser a alma a primeira a associar o corpo á sua piedade e religião, é antes o corpo que se apressa a vir soccorrel-a, e a supprir

(1) S. João, c. iv, v. 24.

o que o espirito não poderia fazer; de sorte que na função não só mais espiritual, mas tambem mais divina, é o corpo quem occupa o lugar de ministro publico e de sacerdote; como no martyrio é o corpo a testemunha visivel e o defensor da verdade contra tudo quanto a combate (1).» Não, não está em a natureza do homem o ser vivamente impressionado do que quer que seja sem o manifestar externamente.

XLVIII

Além d'isto, o que o homem é deve-o a Deus, porque depende todo de Deus, porque de Deus recebeu tudo; logo deve consagrar todas as suas facultades intellectuaes, moraes e physicas ao serviço de Deus, o que só pôde fazer tributando-lhe um culto a um tempo interno e sensivel, para o qual concorram simultaneamente o espirito, o coração e o corpo, isto é todo o seu sêr.

XLIX

Finalmente, como mostramos mais acima (2), a religião é necessaria para a felicidade do homem; logo é de desejar que ella reine em todos os corações; e visto ser do dever de todos o concorrer para o bem estar de seus semelhantes, todos devemos procurar animar, nutrir e fortalecer nos outros os sentimentos religiosos; o que não podemos fazer efficazmente senão com o exemplo e por consequente com actos externos. Inutil seria, com relação aos outros, nós estarmos compenetrados de amor e reconhecimento para com Deus, se estes sentimentos ficassem occultos no intimo de nossa alma, se os não patentecassemos por quizesquer meios sensiveis. Mas se dermos signaes insuspeitos do nosso affecto á religião, da nossa resignação aos decretos da Providencia, da nossa piedade e caridade affectuosa para com Deus; se o adorarmos e glorificarmos externamente, os que forem testemunhas dos nossos actos e sentimentos, edificar-se-hão, e sentirão uma santa emulação, que palavras e discursos ainda os mais eloquentes nunca poderiam produzir. Por meio do culto externo, assim observamos nós o segundo preceito da lei: *Tu amarás teu proximo como a ti mesmo*; bem como por meio do culto interno nós observamos o primeiro preceito: *Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento*. Portanto é natural e necessario ao homem praticar externamente a religião; o culto interno não se pôde separar do culto externo sem violentar

(1) Encyclopedia do xviii seculo.

(2) Veja o n.º 7, etc.

a natureza, e violar ao mesmo tempo as leis da moral.

L

Em segundo lugar, o culto de Deus deve ser não sómente externo, mas publico. A constituição nativa do homem exige que o culto divino seja externo; o seu estado social exige que seja publico. Dos beneficios que recebemos de Deus, uns pessoas, outros são communs a todos os membros da sociedade a que pertencemos. Logo devemos dar graças a Deus em commum, quanto a natureza das assembleias religiosas o possa permitir. A sociedade depende de Deus da mesma maneira que o individuo; a Providencia divina é quem forma e dirige as sociedades; Deus é quem as eleva ou abate, segundo os seus designios a respeito d'esta ou d'aquella nação. Logo devem as sociedades reconhecer o supremo dominio de Deus por meios de adorações, orações, preces publicas e sollemnes.

(Continua).

V. DE P. P.

## Secção Historica

### S. JANUARIO EM NAPOLES

I

Deus é admiravel em seus santos, e nunca a sua mão está abbreviada sobre a terra, para patentear as maiores maravilhas e prodigios.

Um d'estes santos, em que o poder de Deus visivelmente se manifesta d'um modo portentoso, é S. Jauuario, bispo de Benevento, cujo corpo glorioso se venera na cathedral de Napoles, desde o seculo xv.

O heroismo e o martyrio d'este illustre prelado constituem um bello episodio nos fastos da Igreja primitiva, quando a Cruz do Calvario ainda era vilipendiada pelos sabios de Roma e de Athenas, mas ja principiava a raiar

entre prelado e fallando mais exactamente, não crêem em Deus. Contudo os que reconhecem a Deus como Omnipotente Creador de todas as cousas e o seu poder infinito, não podem dilimitar esse poder, e consequentemente são obrigados a confessar o milagre.

Toda a argumentação que se adduzir em contrario, alem de impia, é absurda.

Escutemos um homem insuspeito, o philosopho de Genebra, o impio Rousseau.

Eis o que elle diz na sua terceira carta da Montanha:

«Pôde Deus fazer milagres, isto é, pôde derogar as mesmas leis que estabeleceram? Tratada seriamente, esta questão seria impia, se não fosse absurda. Castigar o que a resolvesse negativamente, seria dar-lhe demasiada consideração: bastaria encarcerar-o. Mas que homem ousou jámais negar que Deus podesse fazer milagres?»

Assim, pois, os milagres do Christianismo sustentam o exame mais severo e minucioso da rasão.

O milagre de S. Januario em Napoles resiste vantajosamente a todos os

## EGREJA DOS CLERICOS, NO PORTO

aurora do dia em que o filho de Helena, Constantino Magno, ia arvorar o *Labarum* no meio da cidade, rainha do mundo.

A liquefacção e ebullicão do sangue do martyr é um facto constante e periodico que ha muitos seculos se observa em Nopoles, e que de balde a incredulidade systematica ousa contradizer.

Os protestantes, que não tem perdido inteiramente a razão, não se atrevem a negar este phenomeno: muitos viajantes da sua communhão o attestam como testemunhas oculares; seus esforços para o explicar naturalmente são baldados, não podendo sustentar uma critica judiciosa.

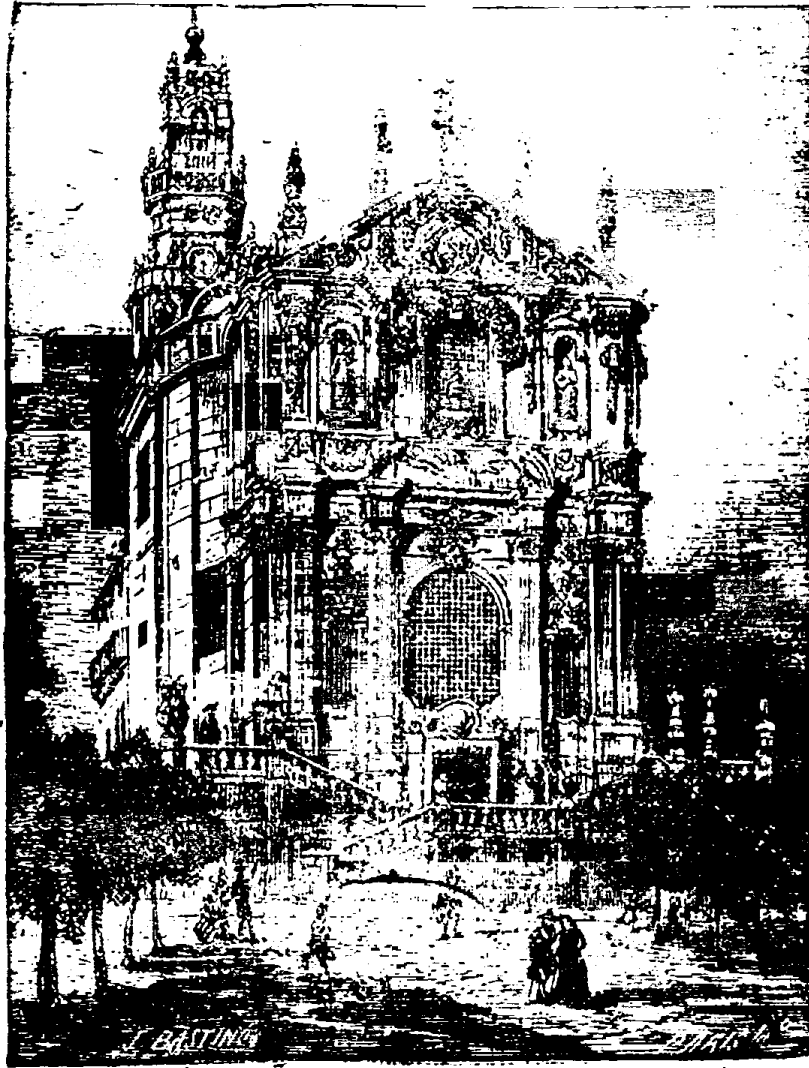
Commumente os incredulos negam toda a possibilidade de factos miraculosos, porque não admittem o poder infi-

exames e desfaz todas as duvidas sobre a sua authenticidade, sendo considerado sem prevenções, á luz do raciocinio.

Mas a incredulidade systematica não se prende pelas leis da rasão e da critica, embora tanto alardeie respeitá-las, e até se julgue ter esse monopolio.

Não ha muito tempo que um dos nossos litteratos naturalistas, apreciando o livro de Fialho de Almeida que tem por titulo *Contos*, disse o seguinte:

«O milagre do convento (um dos contos do tal livro) tambem nos não agrada extraordinariamente. Muito melhor acabado na sua execução, muito mais perfeito quanto á ideia e quanto á forma, o enredo não é novo, o entreccho assenta em velhas bases conhecidas, em moldes já explorados: o apparecimento inesperado, a realisação ma-



ravilhosa e estupenda d'um milagre apocrypho, é mola gasta pelos romancistas desde os celebres suores de sangue de S. Januario, ordenados em Napoles aos padres da cathedral pelo general Championnet, e tão bem descriptos na S. Felice, de Dumas, pae.»

É impossivel conter o riso ouvindo-se fallar nos *suores de sangue de S. Januario!* E, de mais a mais, *ordenados aos padres de Napoles pelo general Championnet!*

Admiremos a *esporteza e illustração* dos romancistas da eschola naturalista! Esta gente sabe mais que todos os homens doutos, de todos os seculos, que tem presenciado o facto miraculoso de Napoles. . .

Mas vejamos primeiro quem foi S. Januario.

Os Apostolos S. Pedro e S. Paulo haviam espalhado a semente da palavra divina na cidade de Purroles; e um dos fructos abundantes, que brotaram d'esta fertil seara, foi Januario, nascido na cidade de Napoles.

Tocha resplandecente collocada no candelabro da Igreja, elle allumiava os povos com a luz do Evangelho. Constituido bispo de Benevento, Januario era todo para todos, qual outro S. Paulo a quem aquella cidade devia a fé christã.

Era isto nos principios do seculo iv. Tinha então o imperio do mundo Diocleciano, decimo perseguidor da Igreja, mais cruel que Nero, Caligula e Domiciano. Lactancio Firmiano chama-lhe *inventor de maldades e machinador de males.*

Nos ultimos annos do seu governo, mandou Diocleciano publicar um edicto solemne, no qual ordenava que se destruissem as igrejas, que se queimassem os livros santos, que fossem presos os bispos e obrigados a sacrificar aos deuses.

Em execução do imperial edicto, Timotheo, governador da Campania, residente em Nola, fez conduzir ao seu tribunal o bispo de Benevento.

Januario, que tinha summo desejo de dar a vida por Jesus Christo, cheio de intrepidez, se apresenta no tribunal do tyranno que primeiramente o quiz por modos brandos persuadir ao culto das falsas divindades, e depois o ameaçou com os mais acerbos tormentos.

Seguiu-se um spectaculo terrivel n'aquelles dias de atroz perseguição, mas ao mesmo tempo glorioso para a religião do Crucificado.

As caricias, ás promessas, ás ameaças do tyranno, se conserva Januario impassivel: de tudo zomba o valente soldado christão e illustre prelado.

Em seguida o governador pagão o mandou arremessar a um forno ardente, d'onde, com pasmo de todos, saiu inteiramente illeso.

Depois foi Januario posto n'um equileo, e seus membros dilacerados atrocemente, tormento que o santo bispo soffreu com a maior resignação, porque sabia que os seus combates seriam coroados com a victoria.

Timotheo mandou-o carregar de cadeias, e deante do seu coche o conduziu à cidade de Purroles, onde foi encerrado n'um hediondo e tenebroso calabouço.

Novo martyrio se lhe prepara, mas novo triumpho, novo esmalte para a sua corôa: Januario é exposto, no amphitheatro, aos leões e outras feras bravas; mas estes animaes, perdendo a sua natural fereza, se humilham aos pés do santo Pastor, como se fossem mansas ovelhas.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.  
(Continua)

## O monumento ao marquez de Pombal

### XI

UM jornal francez dirigia a Victor Hugo, não ha muitos dias, um appello ácerca da condemnação de 20 nihilistas que a Russia acaba de condemnar á morte e á Siberia.

Victor Hugo, o idolo dos nossos liberaes, respondeu verberando o despotismo do governo autoocrata da Russia, lastimando a morte e o desterro dos pobres desgraçados, e findava por pedir perdão ao imperador para as pobres victimas, ou a Deus para o imperador.

Que dirá Victor Hugo quando lhe disserem as gazetas, que em Portugal, os que o tem por um gigante, por um homem a todos superior, se preparam para fazerem pomposas festas a um homem que reunia, elle só, todos os despotismos e barbaridades, ou mais ainda, de que se lembraram os Czares de todas as Russias e em todos os tempos? Que dirá, senhores admiradores do marquez de Pombal, o auctor dos *Misérables*, de *Nossa Senhora de Paris* e de todos esses livros em que vos ensinou a ser atheus, a não ter respeito a Deus nem á sua Igreja? Que dirá, façam favor de nos dizer?

O que Victor Hugo dirá, não o podemos nós saber porque, diga-se a verdade, é da escola dos que se desfazem em applausos ao assassino de Malagrida e da nobreza d'estes reinos; mas se elle não fosse simplesmente um atheu, só prompto para condemnar os que condemnam os seus collegas, diria de Pombal o que um escriptor catholico dissera em 1878, e que nós aqui vamos de novo transcrever para que se não diga que nós fazemos o monumento só com artistas de casa. Agora que vamos

chegando ao fim, e, antes de collocar a estatua, que tambem virá de fóra, queremos algumas pedras de ornamento, lavradas no estrangeiro, e será esta a

**Undecima pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande marquez de Pombal:**

«Na hora presente o estado sanitario de Portugal é assaz triste; o sangue que por suas veias circula está infeccionado de socialismo, e só falta que um successo politico abra uma ferida em seu corpo, para que ali affluam os maus humores e se desenvolva a gangrena.

«O agente d'estes males, ali como em toda a Europa, é a indiferença religiosa que se propaga espantosamente. As sementes da impiedade, lançadas n'este paiz pelo tristemente famoso marquez de Pombal, não deixaram de dar seus fructos desde que as ruas de Lisboa foram regadas com o sangue innocente do padre Malagrida. Os portuguezes que até então sabiam orar e trabalhar, aprenderam depois o caminho das riquezas usurpadas, e dos attentos cobardes e ruins, contra a justiça de Deus e os direitos dos homens que d'ella se derivam. A partir d'esta epocha, a corrupção em Portugal tem sido constante e profunda; a abjecção mais vergonhosa se apoderou de todas as classes sociaes, fazendo que todas degenerassem.

«O marquez de Pombal fez o que fazem todos os ministros que se elevam de repente: introduziu em Portugal as galas e artificios do progresso material, para cobrir de flores artificiaes o abysmo aberto por suas mãos. Portugal, deslumbrado, alucinado por estas provas de prosperidade material, caiu facilmente na rede de seu caçador, e hoje a sua memoria é lembrada com gratidão pelos portuguezes.

«Pombal é o Cavour de nossos vizinhos, e assim como a memoria do ministro piemontez, conservada em estatuas e lapides nas praças publicas de Italia, é uma propaganda constante d'impiedade, e um hymno á usurpação dos mais sacratissimos direitos, o nome de Pombal, honrado pelos portuguezes, é, da mesma fórma, o agente natural do socialismo, um protesto vivo contra a religião e contra a sociedade.»

Aqui tem os nossos leitores o conceito em que lá por fóra é tido o heroe dos liberaes e mações da nossa terra. E é forçoso que se saiba, e que se espalhem bem estas verdades: A maçonaria e o liberalismo, que vem a dar na mesma, é quem promove toda a festança e é, cremol-o, quem pagará e deitará os foguetes, afóra algum pacovio que não conheça as tramas urdidas pelos irm.º.

Como já dissemos, não é ao marquez de Pombal, pelas reformas rasoaveis que fez, que se quer elevar uma estatua e fazer festas de *arromba*. As festas são um insulto á Igreja e aos catholicos portuguezes, e uma divida que a maçonaria paga ao verdugo dos jesuitas. E senão vejamos pelo seguinte trecho que copiamos da proclamação que em 17 de fevereiro do anno passado a maçonaria portugueza dirigiu aos homens *liberaes* d'este paiz. Ora leiam:

«Felizmente, de uma arma não pode ainda apropriar-se o jesuitismo, e essa arma, que é poderosa, está ao serviço da causa liberal. E' o jornalismo; cujo influxo, na educação moral dos povos, cada vez se afirma e se avigora mais! Com raras excepções, o jornalismo faz a propaganda da luz e desce até ás mais baixas camadas da sociedade, como sobe até ás mais altas, deixando em todas a semente da salutar doutrina. A sua acção é perenne, constante de cada dia, e de cada hora, e é mister não afrouxar n'ella; e não afrouxaremos.

Dos outros meios, que nos podem ser valiosos auxiliares, cuidará a maçonaria desveladamente; mas convém que se affirme, desde já, um protesto publico solenne e que se levante o espirito por este protesto, symbolisado n'um factio material.

E' por isso que a maçonaria vae, desde já iniciar a realisação da idéa de levantar um monumento ao grande estadista portuguez, o glorioso marquez de Pombal, que, pela sua indomita energia, conseguiu humilhar a arrogante omnipotencia do jesuitismo, expulsando-o officialmente do reino, preparando-lho a queda na maior parte das nações.

Os paizes que tem a ventura de inscrever na sua historia nomes como o do marquez de Pombal, que, ao serviço do absolutismo, soube servir a causa da liberdade, consoante as idéas do seu tempo, mas rasgando com a vista de aguia aos mysterios do futuro, os paizes que tem a ventura de archivar nos seus annos factos como os da reedificação de Lisboa, da restauração dos estudos, e da expulsão dos jesuitas, devidos á vontade potente do grande ministro de D. José I, devem pagar á sua memoria a homenagem da admiração que se transmite atravez dos epos.

Vae chegar breve o momento opportuno de saldar essa grande divida nacional. No anno proximo, commemorar-se o primeiro centenario da morte do grande homem, que arrancou a nova cidade das ruinas da antiga, como arrancou da tyrannia dos meios a excellencia do fim liberal e democratico, que se propunha realisar.

E' pois o ensejo propicio para inau-

gurar a estatua, que sirva a dizer ás gerações futuras, como Lisboa venera o seu restaurador, como a maçonaria portugueza acata o estadista, que emancipou a liberdade da pressão do jesuitismo.

Poderia então fazer-se talvez a consagração de uma escola com o seu nome; poderia! Seria mais fructuosa, mas menos eloquente e nas grandes cidades onde são diffundidos os estabelecimentos de ensino estas escolas de iniciativa particular e de significação especial, perdem de importancia em breve, esmorecem no seu intuito, confundem-se prompto com a massa geral das instituições escolares; e não seria para admirar que o proprio jesuitismo por extrema affronta que a sua audacia era capaz de emprehender fosse mansa e suavemente introduzir-se e installar-se a leccionar na escola, em cujo frontão se lêsse o nome do seu inimigo.

Quando o lazarismo, Irmão mais novo do jesuitismo, filhos ambos do espirito reaccionario, se sentiu ferido, no paiz, foi cuspir o ultraje da sua nefasta influencia no lar domestico do duque de Loulé e de José Estevam, que mais de cabeça erguida o haviam combatido.

Não façamos ninho aos jesuitas, cuja onda invasora procura apoderar-se das escolas; ergamos o padrão que affirme o nosso protesto contra a negra milicia, afirmando o nosso esforço por combater em todos os campos e de todos os modos a reacção.

Levantemos a estatua ao marquez de Pombal, e para isso recorreremos, para nos auxiliar n'este empenho, a toda a illustrada imprensa liberal do paiz, que com o seu facho de luz radiante irá illuminando os espiritos, animando as tibiezas, dissipando as duvidas, levantando para a luta as phalanges dos filhos do progresso.

Com taes elementos, com a crença inabalavel de que trabalhamos pelo futuro, pela prosperidade da patria, pela felicidade do lar, pela liberdade dos nossos filhos, pela gloria d'essa divindade de brancas azas, que se chama a civilisação; com taes elementos, e com a cooperação efficaz de todos os homens liberaes cujos bons conselhos e ajuizados alvitres pedimos em tudo que possa concorrer para tornar mais esplendido o centenario do marquez de Pombal, e cujo zelo sollicitamos desde já para a vulgarisação da idéa de levantar um monumento, e para a realisação da subscrição publica nacional para esse fim; com taes elementos, lograremos a realisação do nosso empenho; ergueremos a estatua, n'uma das praças de Lisboa, ao restaurador da formosa cidade; e essa estatua, erguida de pé, dirá ás gerações por vir, que a

nação Portugueza, venerando a memoria do excelso ministro que expulsou do solo da patria o jesuitismo, cumpriu o seu dever.»

Querem mais provas? Haverá algum leitor do *Progresso Catholico* que se associe á festa maçonica, ou que não faça, por todos os meios, que os seus amigos a ella não concorram? Certo que nenhum, assim o crêmos, e praza a Deos que nos não enganemos.

Está prestes o dia da festa, e nós promettemos dar o monumento prompto antes d'esse dia. Esperamos a estatua do estrangeiro para ser mais bem acabada, e logo que ella chegue prompto será o preito por nós dado ao marquez de Pombal.

ELIAS DE SAMPAIO.

## Secção Critica

### COISAS! COISAS!

O nosso esclarecido collega e companheiro nas lides da imprensa catholica *A Noção* fez algumas observações acerca da posse da custodia de Belem pelo senhor D. Luiz, observações justas, acertadissimas, a que o nosso excellente collega de Coimbra, *O Coimbricense*, acrescentou as seguintes, que não podemos deixar de archivar no *Progresso Catholico*:

«Não é só a celebre custodia de Belem, de que está de posse el-rei D. Luiz; mas tambem está em seu poder a famosa cruz de ouro do segundo rei de Portugal, D. Sancho I, que este monarcha deixou por seu testamento ao mosteiro de Santa Cruz d'esta cidade de Coimbra!

A primeira vez que tivemos conhecimento d'esse factio foi pelo catalogo publicado em Paris, no anno de 1867, pelo sr. Teixeira de Aragão, dos objectos pertencentes a el-rei D. Luiz, e que foram enviados n'aquelle anno á exposição universal de França.

Essa cruz lá está agora na exposição da arte ornamental, como pertencendo a el-rei D. Luiz.

Vejamos a descripção que d'este precioso objecto e da não menos preciosa custodia de Belem faz o sr. dr. Augusto Philippe Simões, mencionando o que contem *as vitrines de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz*:

«Merece particular attenção a cruz de ouro de D. Sancho I. Faz lembrar, sobretudo pelas finas pedras que a adornam, as joias wisigothicas do thesouro de Guarrazar, não obstante os seis seculos que as separam. Todavia a fórma e o desenho dos ornatos são do stylo do seculo XII, que dominado ainda pe-

las influencias byzantinas, se differença profundamente da antiga arte wisigothica, byzantina tambem, mas de outro modo caracterisada n'aquella época remota. A data da cruz de D. Sancho I está na seguinte inscripção, que darei aqui sem as abreviaturas: DOMINI SANCII REX JUSSIT FIERI HANC CRUCEM ANO INCARNATIONIS MCCCXIII.

Adornam a face principal d'esta cruz muitas perolas, rubis e saphiras com siglas arabigas. No centro da face posterior estão gravados o *Agnus Dei* com a inscripção mencionada e os animaes emblematicos dos quatro evangelistas. Foi legada por D. Sancho I em seu testamento ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Na mesma *vitrine* está a custodia de Belem, o mais admiravel dos monumentos de ourivesaria portugueza. Em nenhuma outra obra d'este genero se reproduziu com tanto primor o estylo das mais perfeitas cathedraes gothicas. A elegancia da fórma, a delicadeza dos rendilhados e outros ornatos, as côres variegadas dos esmaltes dão-lhe uma apparencia phantastica, maravilhosa. O genio nacional, as ideias que exaltavam o caracter portuguez no seculo XVI pateciam-se aqui da mesma sorte que em Thomar, em Belem, ou nos Lusíadas.

Foi esta custodia acabada em 1506, como diz a seguinte inscripção em letras de esmalte branco á roda da base: *O muito alto principe e poderoso sr. D. Manoel I a mandou fazer do ouro e das pedras de Quilba Acabou em CCCCVI.*

Chama-se Gil Vicente o ourives que a fabricou para el-rei D. Manoel, que em seu testamento a deixou ao mosteiro de Belem.

Esta custodia e a cruz de D. Sancho I foram recolhidas em 1834 com as alfaias de ouro e prata dos conventos á casa da moeda. D'aqui passaram mais tarde para a casa real em troca de outros objectos, pertencentes á corôa, que n'aquella casa haviam sido fundidos.»

Com que direito se apossou el-rei D. Luiz d'estas preciosidades?

A cruz de ouro de D. Sancho I e a custodia tambem de ouro de el-rei D. Manoel são por todos os titulos da nação; e não podiam passar para a mão de el-rei, nem ainda a pretexto de troca; porque além do seu valor intrinseco, tem tão elevada estimacão, artistica e historica, que não ha dinheiro que as pague.

N'este paiz toleram-se todos os abusos, com tanto que os individuos que os pratiquem sejam poderosos.

Dos bens dos conventos dispoz-se como de roupa de francezes. Faltava ver o rei ter como seu o que nunca devia deixar de estar vinculado á nação!

Pois n'este assumpto o rei é um sim-

ples particular. Nada mais, e nada menos. — *Joaquim Martins de Carvalho.*»

Agora faltam as nossas observações, que serão poucas. Primeira pergunta responderemos á primeira pergunta que faz o Snr. Martins de Carvalho — *Com que direito se apoderou el-rei D. Luiz d'estas preciosidades?* dizendo que o senhor D. Luiz se apoderou d'estas preciosidades, com o mesmo direito com que a nação d'ellas se apoderára.

Diz s. s.ª que a cruz e a custodia, ambos objectos de ouro, são por todos os titulos da nação; e que não podiam passar para a mão d'el-rei. Nós vemos que ambos os objectos em questão eram dos frades, porque lhe foram doados, e não vemos direitos que os tornem da nação a não serem os mesmos direitos com que nós podemos apoderar-nos do que é propriedade do Snr. Martins de Carvalho, isto é, roubando-lhe o que lhe pertence. Houve portanto um roubo feito aos frades. O que falta agora saber, e isso é facil talvez de conseguir, é se quem roubou foi a nação ou el-rei. Talvez el-rei tenha em seu poder estes objectos por julgar que a nação os possuia indevidamente, e espera occasião de os entregar aos frades, se elles voltarem. Talvez! E, n'este caso, estão em... boa mão.

Os principes da Revolução, que hoje occupam a cidade dos Papas, não contentes com possuir, por obra e graça das bayonetas maçonico-revolucionarias, um dos mais bellos edificios, propriedade da Igreja, o Quirinal, teem ainda o descaro, o desvergonhamento de darem n'elle um baile de mascarar, poluindo assim aquellos salões, habitados, até ao dia do sacrilego attentado contra a liberdade do Papa, unicamente pelas altas dignidades da Igreja Universal.

Foi mais um insulto á pessoa veneranda de Sua Santidade, vibrado pelos reis italianissimos, no dia de carnaval.

Eis como um nosso collega descreve o mencionado baile:

«O baile dado no Quirinal, foi magnifico, terminando depois das quatro horas da manhã.

A' entrada, entregavam a todas as senhoras um elegante *carpet* de veludo escarlata, com as iniciaes do rei e da rainha, e uma corôa real toda de prata.

A escadaria transformára-se n'um verdadeiro jardim; os convidados passavam por baixo de uma mimosa abobada, formada por arvores de camelias em flôr, e estava tão bem calculada a gente que havia de assistir, que se circulava pelos artisticos salões, sem a menor difficuldade.

A's duas horas retiraram-se os reis e abriram-se tres novas salas em que foi servida simultaneamente a ceia.

A encantadora rainha Margarida os-

tentava um magnifico vestido de setim liso bordado a prata e adornado com joias como só ella as possui; um collar de avultadas perolas de vinte fios, que lhe chegava até á cintura, e a cabeça revestida de preciosos brillhantes.

As damas apresentaram-se no mesmo gosto: viam-se riquissimas *toilettes* e joias de primeira ordem.»

A rainha era enfeitada com joias como só ella possui; mas o que ella não possui, nem elle, isso podemos nós affirmar, é a consciencia tranquilla como a tem a mais humilde das italianas, que viva n'uma pobre casinha, herança de seus maiores, comprada, ou alugada á custa do seu trabalho. O que ella não tem, nem elle, é a paz de espirito de que é proprietario quem tem a certeza de que não possui o que não é seu.

Para o escandalo ser maior, ás quatro horas da manhã de quarta-feira de Cinza servira-se a ceia, e devera ser de carne, na casa d'Aquelle que representa Jesus Christo na terra!

Quando virá a justiça divina tomar contas a estes cynicos?

O Snr. Dias Ferreira, o maçon, renovou a iniciativa do projecto auctorisando o governo a contribuir com o bronze necessario para a estatua que se projecta erigir em Aveiro a José Estevão.

Era esta a noticia que os jornaes davam ha dias!

Este snr. José Dias julga, talvez, que o dinheiro que tanto custa a ganhar ao pobre povo, se pôde assim, sem mais nem menos, gastar em bronze para immortalisar os personagens das chafaricas! Que tem o povo com o homem que empunhou o malhete de gran-mestre da maçonaria? Não basta a essa seita funestissima o ter disposto a seu bel-prazer, por tantos annos, d'este malfadado paiz? Não lhe basta o ter barateado os bens da Igreja e o provento das enormes contribuições, pelos membros das casuas maçonicas? Quer ainda que se diga ao pobre povo — paga o bronze para a estatua d'um dos chefes da maçonaria! Valha-o o Imp. Arch. do Univ., senhor Dias sem ser Guilherme! Olhe que não vá o povo pagar o bronze com que funda canhões para com elles se livrar dos taes irm. ven., que já em evitar isso não faz pouco, e deixe o Zé Estevão na paz do tumulo, além do qual, para os irm., nada ha; que o povo importa-se tanto com elle, lembra-se tanto de lhe fazer bronzes estatuas como se lembra das cebolas do Egypto. Pague o bronze á sua custa e da irm.ª.

UM LEITOR DE GAZETAS.

## Secção Literaria

## AOS PÉS DA CRUZ

(N'UMA DOENÇA)

AO DISTINCTO E MIMOSO POETA

O EX.º SR.

## JOÃO DE LEMOS

O' meu Deus, ouvi os meus suspiros e tornaí-vos saudavel a tantos males que soffro sobre a terra.  
Imitação de Christo.

SENHOR: Tu vês sorrir a flôr que além do pontu! Tu vês que a fronte ponde ao fel que então libei! Oh! dá-me o doce bem na vida que reponta... Tu és a minha lei!

Eu sinto que me diz a voz da mocidade: — «Espara que o porvir te faça conhecer aquelle que te fez, em funda solidade, fluctar o padecer!...»

«Ninguem te foi dizer: — «eu leio o teu futuro nos sonhos divinaes, nas meigas impressões; descerra o negro véo que abafa o seio puro das santas illusões!...»

«Descanta o sol, a vida, a maga juventude, da terra a doce luz, do ceu a immensidade; esquece o teu soffrer tangendo o alaúde... e creê na eternidade!»

«Eu nunca te levei a mágoa e desconforto ao pobre coração, que amava com ternura; eu quero ser o bem nas horas do teu horto... ao réz da sepultura!...»

Senhor! n'esta mudez, aos beijos da alvorada, eu vejo o Teu sorrir d'amor e de perdão! Attende o meu gemer na voz immaculada. Apaga esta illusão!...  
Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

## Secção Illustrada

I

## Don Marcelino Menéndez Pelayo

AGORA que tanto se falla em festas ao marquez de Pombal, festas a que a maçonaria portugueza quer dar todo o brilho, não é fóra de proposito que o *Progresso Catholico* torne conhecido dos seus leitores, por meio da gravura, um maneebo da idade de 23 annos, que o anno passado, quando a Hespanha maçonica era toda festas, toda enthusiasmos para fazer de Calderon de La Barca um heroe da seita, se apresentou, em meio de todos os homens que negavam Deus na ebriedade de um banquete, e ergueu um brinde no qual, entre outras, soltou as seguintes palavras, com grande admiração dos sabios que o escutaram:

«Brindo pela fé catholica, apostolica, romana, que em sete seculos de lueta nos fez reconquistar o solo da patria, e que nos começos da Renascença abriu aos castelhanos as florestas virgens da America e aos portuguezes os sanctuarios fabulosos da India. Brindo pela fé catholica que é o *substractum*, a essencia, o que ha de mais elevado, de mais bello na nossa theologia, na nossa philosophia, na nossa litteratura e na nossa arte.» (1)

Quando não tivesse outro merecimento, este só era bastante para que a nossa Revista, ao dar o seu primeiro numero illustrado, apresentasse á admiração dos portuguezes o retrato de Menéndez Pelayo como merecido galardão a um dos primeiros homens da moderna Hespanha, e como estímulo aos nossos litteratos a vêr se algum, quando se blasphemar de Deus por occasião das festas a Pombal, tem o arrojo de timiar o heroe que hoje retratamos.

D. Marcelino Menéndez Pelayo aos 22 annos era professor da Universidade de Madrid, e tomava pouco depois assento na Real Academia Hespanhola, para que concorreram as mais opulentas intelligencias da nação visinha.

O seu discurso quando se apresentou na Real Academia, é um monumento, e uma prova dos vastissimos conhecimentos do academico que se não peja de ser catholico.

II

## Egreja dos Clerigos, no Porto

O templo conhecido com o nome que encima este artigo, e que é celebre na cidade do Porto pela sua torre elevadissima, foi fundado por uma irmandade de clerigos, em 1732. As obras concluíram-se em 1763, devendo-se a morosidade com que foram feitas á grandeza e magestade da egreja, que é uma das melhores do Porto, e só foi solemnemente sagrada em 1779 pelo bispo D. Frei João Raphael de Mendonça, sendo dedicado a Nossa Senhora da Assumpção.

Ergue-se este magnifico edificio no alto da calçada a que deu o nome, deixando a frente opposta á principal para o largo ou jardim da Cordoaria.

Entre as duas estatuas que se dividiam na frontaria, eleva-se a tiara pontificia sobre uma almofada, e no vertice da fachada a cruz papal ornada com folhagens e palmas.

É rico no interior em obras de talha dourada, e em marmores na tribuna do altar-mór onde se eleva a imagem da Padroeira. Se não falham as noticias que encontramos, custou só a tribuna

(1) Todo o discurso pôde ser lido a pag. 206 do 3.º vol. do «Progresso Catholico».

mais de vinte contos de réis. Os órgãos são excellentes.

Aqui repousa o corpo de Santo Innocencio, martyr.

A torre tem 75 metros de altura, e serve de balisa aos navios que demandam a barra, por isso que se avista dez leguas além da costa. O panorama que se desdobra diante do que trepar os seus 240 degraus é formosissimo. No primeiro plano o conjunto grandioso de casas, palacios, torres, etc., etc., depois para um lado as serranias e para o outro o mar!

É uma recordação, este templo, como muitos outros que se encontram por todo o paiz, dos tempos em que os portuguezes erguiam monumentos a Deus, a Sua Santissima Mãe, e aos santos; tempos que se vão escondendo cada vez mais para ficarem estes em que vivemos e em que se erguem monumentos á tyrannia, ao despotismo e aos inimigos de Deus e da sociedade.

Que Deus conserve, ao menos, estes padrões da fé, que distinguiram nossos maiores, para que os descrentes de hoje vejam a pequenez de suas obras em face das grandiosas que elles pretendem arrazar.

III

## Proezas da moderna Revolução

Sempre que galga o poder, a Revolução alça o camartello destruidor, e deixa-o cahir por sobre tudo que ha de mais respeitavel, fazendo montões de ruinas de quanto a piedade religiosa e o patriotismo elevára em honra de Deos e da Patria.

A actual republica franceza não quiz desmentir o conceito em que são tidas as revoluções impias de todos os tempos e decretou um dia o desaparecimento da imagem de Jesus Christo de todas as escolas publicas de Pariz, e, pouco depois, de toda a França.

A nossa gravura de pag. 137 reproduz perfectamente uma scena d'essa estúpida comedia representada em todas as escolas publicas. Em meio da casa o agente da auctoridade, sem respeito perante a imagem d'Aquelle que doára ao mundo a liberdade, e partira em mil pedaços as cadeias que algemavam a descendencia de Adão, com a cabeça coberta ordena a esbirros descrentes como elle, que despedaceem o Christo crucificado se tanto fór necessario, com tanto que não fique por mais tempo a amedrontar as creanças. Os corypheus da republica fazem por cumprir as ordens do delegado do governo da Revolução, de envolta com o gargalhar caninhamente estúpido, como aquelle gargalhar que ha 18 seculos se escutou no serro escavado do Golgotha ao dei-



tar a soldadesca do Cezar os dados sobre a tunica da Divina Victima.

A um lado da sala veem-se tres creancinhas em posição de desolada tristeza por verem que lhe vão roubar o seu divino Jesus. Uma d'ellas juntara as mãos como pedindo perdão para os sacrilegos, em quanto uma outra cobre com as mãos o rosto innocente para não vêr um tal desacato, e a terceira fica abysmada em acre terror ante a execução da fatal sentença que deschristianisava as escolas.

Como é bello o grupo da innocencia consternada em face do que fizeram os agentes de um governo, que se diz de progresso e adiantamento!

O buril do artista retratou fielmente a Republica Gambetto-Francynet.

R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

I

*Historia Verdadeira da Inquisição, por D. Francisco Javier Garcia Rodrigo, traducção do hespanhol, com auctorisação do auctor, pelo Padre Manuel José Gonçalves Preza. — Guimarães — Livraria Editora de Teixeira de Freitas — 1882.*

JÁ foi distribuido o 1.º fasciculo d'esta obra monumental, sobre a qual nada diremos enquanto a imprensa catholica do paiz não der a tal respeito a sua opinião, que iremos publicando n'este lugar. Limitamo-nos a transcrever o indice e summario das materias contidas em 128 pag. de 4.º a duas columnas, que forma o 1.º fasciculo. Eil-o:

PROLOGO

INTRODUCCÃO

CAPITULO I

As herosias

Os dialecticos christãos e gentios.—

O gnosticismo constitue-se medianeiro para a unificação das crenças.— Breve recordação d'esta doutrina, provando a

Cautela da Egreja para a qualificação de heresias.— A Inquisição observou em seus juizos eguaes precauções.



PROEZAS DA MODERNA REVOLUÇÃO

ousadia de seu plano.—A gnosis produziu theorias pantheistas e dualistas: deu origem ao erro philosophico moderno, que produz grandes heresias.

CAPITULO II

As heresias

Surgem novos erros acerca da natureza de Jesus Christo, Santissima Trindade, graça, etc.—As discussões formam uma theologia.—A metaphysica.—O escolasticismo e as suas duas escolas principaes, nominalismo e realismo.—S. Anselmo coordena a metaphysica escolastica e a theologia natural.—As suas explicações acerca do racionalismo.—Pedro Abailardo.—

Factos historicos.—Morre n'uma fogueira o chefe dos Paulicianos.—Assassinios ordenados por Tanelino.—Excessos dos Arnaldistas.—O povo queimou a Pedro de Bruis na fogueira em que o hereje estava queimando imagens de Santos.—Eon d'Etoile.—Gilberto de la Poire.—Os Albigoenses, Catharos e Valdenses.—Considerações.

CAPITULO V

Os Hebreus

Recordações historicas d'este povo.—Schisma das dez tribus.—Suas escolas dogmaticas.—Adoptou doutrinas de Moyses a philosophia grega.—A escola grega de Alexandria.—Sublevação dos Hebreus no tempo de Trajano.

CAPITULO III

Padecimentos da Egreja nos seculos XI e XII

Questão das investiduras ecclesiasticas.—Confunde-se o poder dos bispos como senhores feudaes com a sua jurisdicção espiritual.—Este assumpto termina em Worms.—Questão do testamento da condessa Mathilde.—Esta princeza pôde dispor de seus bens feudaes e allodiaes.—Tropellias e perseguições dos imperadores contra a Santa Sé.—Schismas promovidos pelos mesmos principes.

CAPITULO IV

Excessos dos herejes do seculo XII

Promovem perseguições á Egreja em Allemanha, Inglaterra, França, e outros estados.—Os herejes arruinam os imperios florescentes.—Inconstancia, dissensões, relaxação moral dos sectarios e seus protectores.—Obrigam o poder civil a reprimir tantos excessos.

—Suas consequências.—Privilegios que lhes concedeu Antonino Pio.—Suas esperanças e crenças.—Judas Anassim recopila as tradições rabinicas.—A lei oral ou secundaria.—O Talmud.—Os Carvinitas.—Seus erros produziram muitas práticas supersticiosas.—O Talmud procurou conservar as condições privativas do povo hebreu.—Vexações que estes homens causaram sempre aos christãos.—Seus progressos em medicina, em outras sciencias e no commercio.—Sua moral relativamente aos outros povos.—Estado actual dos judeus.

## CAPITULO VI

## As sciencias occultas

Breve idéa da *cabala*.—Sua conexão com o pantheismo.—A theurgia.—Os genios mutores.—O encanto.—Conjuros.—Advinhação por augurios.—Necromancia.—Auspices.—Sonhos.—Nigromancia.—Astrologia judiciaria.—Systema chaldeo.—Methodo racional.—Proibições da lei mosaica.—A Igreja só permite o prognostico de phenomenos atmosphericos.—Observações.—Elixir de longa vida.—A pedra philosophal.

## CAPITULO VII

## A magia

Sua origem e conexões com o polytheismo.—Seus equívocos sobre botânica.—Seus erros metaphysicos.—O que é licito e prohibido a respeito do culto dos espiritos benéficos.—Proibições do Pentathenco e da Igreja.—Castigo de feiticeiros.—Tem Deus permitido algumas aparições de espiritos.—Os exorcismos ordinarios e extraordinarios.—Como se entendem.—A Providencia divina intervem nos phenomenos naturaes.—Só Deus póde fazer milagres.—Os Santos Padres combateram a magia, por meio da qual os Gnosticos e Manicheos quizeram obrar prodigios.—Combateu-os Origenes.—N'este assumpto convem distinguir o verdadeiro do falso.—Milagres de Moyses.—A Pythonissa de Endor.—Job, Sara, etc.—Não é possível celebrar pactos com o diabo.—Estudos dos Arabes sobre magia.—As covas de Toledo e Salamanca.—Não são possiveis as transformações magicas.—São recordações do polytheismo conservadas pelos poetas.—As transformações de Nabucodonosor e da mulher de Lot foram verdadeiros milagres de Deus.—Os pareceres do Santo Officio contra os delictos de magia.

## CAPITULO VIII

## As bruxas e os duendes

Origem d'esta superstição.—As Pythonissas.—A Feiticeira do Talmud.—

O Antigo Testamento prohibiu esta crença.—Prohibe-a a Igreja.—Crenças vulgares a respeito das condições da bruxeria.—O aquellarre das bruxas.—Reuniões secretas de judaizantes e mouriscos.—A allucinação, o hyterismo, as alterações gastricas e hypochondriacas.—Theodoro de Beza e em geral os escriptores protestantes creram nas bruxas.—Negaram a sua existencia muitos autores catholicos.—A Inquisição conseguiu extinguir esta crença.—Os duendes.—Relação das preoccupações antigas com o moderno espiritismo.

## CAPITULO IX

## O espiritismo

Mesmer e suas theorias nevrálgicas e sobre magnetismo animal.—A camara da crise.—D'Eslou.—O Marquez de Puységur.—Ensaio de Silla para produzir o sonho artificial.—Theorias de Faria.—O sonambulismo lucido e o extasis magnetico.—A relação dos séns corporeos e incorporeos toma o nome de espiritismo.—Cahagnet e seus conjuros.—O medium.—Os medium videntes, escreventes ou interpretes.—Methodos de fascinação.—Phenomenos mechanicos, physicos e psychologicos.—Não se explicam com a hypothesis mechanica nem com o agente universal e theorica physiologica.—O magnetismo pode admittir-se na therapeutica.—Não se explica pelas vibrações musculares.—Theoria psychologica.—Tampouco se explica quando no mesmo sujeito se accumulam os effeitos pathologicos, physiologicos e psychologicos.—Não são consequencia de perturbações organicas. (Continúa.)

Como veem os nossos leitores a obra é de appetite e de occasião. Aproveitem-se das vantagens que o editor offerece, de dar 3 exemplares pelo preço de 2. Cada fasciculo custa 300 réis, e tem a materia de um bom volume. Por falta de espaço deixamos de falar de outras obras, de que nos occuparemos breve.

A. DE GUIMARÃES.

## Retrospecto da quinzena

MGR. Capel acaba de publicar um livro que tem causado uma forte sensação nas altas camadas politicas. O assumpto do livro é: — *A rainha deve entreter relações diplomaticas com o Soberano Pontífice*, e são tantas e tão sensatas as considerações que o auctor faz, que muito nos leva a crer o quanto está prestes o restabelecimento das relações diplomaticas do Vaticano com a Grã-Bretanha.

Transcreveremos d'essa obra notavel

os seguintes paragraphos pelos quaes mostraremos o estado do catholicismo na Inglaterra:

«Nós não temos menos de dez milhões de catholicos, assim na Irlanda, no Canadá, em Malta, em Gibraltar, como nos grandes centros commerciaes e industriaes da Grã-Bretanha. Estes catholicos fazem parte integrante da organização do Imperio, porque são admittidos aos cargos publicos, desde os de conselheiros da rainha e de vice-rei das Indias até aos mais modestos. Na ordem social, encontramos entre elles representantes de todas as classes, desde o primeiro duque do reino até ao pobre do asylo. O seu bem-estar é, pois, um dos factores do bem-estar da nação inteira.

«Estes sublitos catholicos, ainda que diferentes em raça, em linguagem e em opinião politica, formam um só grupo, quando se tracta de crenças religiosas e do seu culto. Existem, em toda a extensão do imperio, 134 dioceses, governadas por 17 arcebispos, 100 bispos e 10.000 sacerdotes. Ha escolas primarias e secundarias, collegios e universidades, estabelecimentos de beneficencia dirigidos por Ordens religiosas e diversas communidades, cujos membros tem consagrado a sua vida, exclusivamente, a estas obras, e tudo isto é apenas uma pequena parte d'uma organização potente que se estende até aos pontos mais afastados da terra e depende do Papa, centro e fonte da vida religiosa.»

Os jornaes de Paris dão-nos a seguinte noticia, que prova bem o estado a que tem chegado a França:

«Foi condemnado em Paris a 300 francos de multa, o sr. Malinge, gerente do *Evénement parisien illustré*, em consequencia do n.º 4 d'este jornal ter publicado uma gravura e uns artigos obscenos. A madame Baron, proprietaria da livraria onde foram apprehendidos alguns exemplares d'esse jornal, foi dada a condemnação de 500 francos de multa. Perguntando-lhe o juiz se não tinha percebido a obscenidade da gravura, madame Baron respondeu: «Oh! não era mais obscena do que as dos numeros anteriores.»

Muito bem respondeu a Snr.ª Baron. Pois como multar o n.º 4 d'uma publicação, por obscena, quando os 3 primeiros numeros o eram igualmente e não chamaram a attenção da policia? Estas publicações em França são, como todas as demais, editadas aos milhares e espalhadas com uma profusão pasmosa; como é, pois, que se não notou a obscenidade dos 3 numeros anteriores? E' que a policia havia de deixar correr a *cousa* até certo ponto antes da accusação, e isto para dois fins—crear popularidade á publicação, e deixar propagar

a immoralidade, de que tem vivido, vive e continuará vivendo a Revolução.

Tivemos a visita de um novo periodico semanal, publicado em Lisboa. Agradece-mol-a.

O titulo é—*O Malhete*, que já diz bastante, mas diz bem mais ainda o seguinte bocadinho que offerecemos á admiração dos portuguezes d'aquele e além mar:

«E onde estariamos nós, santo Deus! se a maçonaria não tivesse no seculo passado e n'este, combatido pela conquista dos principios liberaes, que antes de apparecerem á luz na revolução de 1793, já existiam no frontispicio das Lojas maçonicas.»

A' vista d'isto, meus caros senhores, que querem que lhes diga do *Malhete*?

O nosso collega de Barcellos *A Aurora do Cavado*, fallando da nossa humilde Revista em seu numero de 7 de março d'este anno, depois de transcrever o summario do n.º 9, diz o seguinte:

«É incontestavelmente «*O Progresso Catholico*» uma folha muito bem escripta e que honra as letras patrias. Encaramol-a assim pelo lado litterario. Como periodico religioso é um dos mais strenuos e denodados campeões do Catholicismo, tendo em seus redactores e colaboradores com o rev. P.º Senna Freitas á frente (um dos mais brilhantes talentos, dos espiritos mais primorosos da actualidade) valentes soldados e mantenedores de sua doutrina.»

Agradecemos ao illustrado collega das margens do Cavado tantas provas da sua bondade e fazemos votos ao céu para que nunca desmereçamos do conceito em que somos tidos.

Devem estar lembrados os leitores do *Progresso Catholico* de por vezes lhe haver-mos noticiado os insultos de que tem sido alvo varios membros do clero nas diversas cidades e na propria capital de Portugal. Já os periodicos disseram que S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Nuncio Apostolico, em Lisboa, e o Ex.º Snr. Arcebispo de Goa foram por vezes apupados nas ruas de Lisboa.

Vejamos agora o que em uma correspondencia, escripta para a *Ordem*, por um ecclesiastico da comitiva do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Arcebispo de Goa, se diz acerca da maneira como S. Ex.ª Rev.ª foi tratado publicamente em Madrid:

«Em dois dias que estivemos em Madrid não só não soffremos nunca o minimo insulto, mas tivemos muitas provas de respeito e consideração. Entre muitas pessoas que passavam indifferentes por nós, muitas se descobriam, chegando

até algumas a beijar o anel a S. Ex.ª Rev.ª»

Os militares e policias, esses nunca deixaram de fazer a continencia ou de apresentar armas, se estavam de guarda, quando passavam por S. Ex.ª Rev.ª, ou quando S. Ex.ª Rev.ª passava por elles.»

Vergonha para Portugal!

O telegrapho transmittiu de Londres em 7 do corrente a seguinte noticia:

«A camara dos pares approvou em primeira leitura o projecto de lei que tem por fim obstar á entrada dos atheus no parlamento, instituindo que cada membro de qualquer das duas camaras deve declarar solemnemente a sua crença em Deus omnipotente.»

Imagem os nossos leitores que em Portugal se fazia a mesma lei, e que nós ficavamos livres de deputados, pares, etc., etc.! Que felicidade!

E dissemos ficavamos livres, porque a mór parte d'elles preferiria sair a declarar solemnemente que acreditava em Deus.

E se nos vierem dizer que não é tanto assim... que temos na representação nacional alguns padres... Alguns d'esses mesmo julgamos que lhes custaria a publica manifestação da crença em Deus. Ora vejam o que diz o *Economista*, de Lisboa, fallando do sermão pregado pelo Snr. Dr. e conego Alves Matheus, nas exequias do finado Bispo de Vizeu:

«... não podemos deixar de estranhar que o snr. Alves Matheus se esquecesse de que a sua qualidade de orador sagrado, o concurso numerozo de homens de todas as parcialidades politicas que o escutavam e talvez ainda mesmo a exacta comprehensão do modo de pensar, nos ultimos tempos, do homem, cujo panigyrico fazia, lhe impunha a rigorosa obrigação de não transformar a tribuna sagrada em facciosa tribuna politica.»

Ha de estar por ahi muita gente admirada de ver o que os jornaes dos tres pontinhos dizem acerca das commissões de academias e de estudantes de varias escolas que se preparam para festejar dignamente o centenario do marquez de Pombal. Mas querem saber de que laiação os taes meninos? Julgamos poder aferil-os todos pela bitola d'esses estudantinhos que ha pouco praticaram em Lisboa o seguinte desacato narrado por um jornal liberal:

«*Desacato religioso*. — Dois alumnos da *Escola Moderna* estabelecida no andar superior do palacio do Marquez de Tan-cos, foram hontem commungar á igreja

de S. Christovão. Estes mancebos, naturalmente livres pensadores, receberam as sagradas particulas das mãos do ecclesiastico, deixaram que este lh'as collocasse em suas linguas, mas depois, a occultas, como se no collegio estivessem praticando o pequenino crime de fumarem um cigarrito, deitaram-n'as ao chão, com o que ficaram contentissimas as consciencias dos dois mancebos e com o que tambem devem ficar contentes os jacobinos da Mouraria e de Alcantara... Só depois d'elles sairem da igreja é que o sacristão reparou no desacato praticado pelos jovens.

O parcho tratou immediatamente de queimar o chão onde tinham caido as hostias e participou o occorrido á aucto-ridade ecclesiastica.

Como é de uso na Igreja, quando se dão d'estes attentados, vão-se fazer preces em todos os templos em desaggravo de semelhante desacato, e tambem se vae recorrer ao poder judicial para serem punidos os delinquentes, conforme determina o artigo 130 do codigo penal.»

Aqui está o fructo da boa educação que se dá em muitos collegios e mesmo em muitas casas de familias particulares, que não gostam dos jesuitas, e batem palmas quando se falla do centenario do marquez, algez dos fidalgos e dos padres em geral. Se os taes meninos não fizeram parte d'alguma commissão para o centenario é porque a im... os tem lá peiores ainda.

Findaram as conferencias e santos exercicios da Via-Sacra no vasto templo de S. Francisco d'esta cidade. As conferencias foram feitas pelo illustrado Abade de Guardizella, e nos dias em que o tempo permittiu que a imagem do Senhor dos Passos sahisse em Via-Sacra pelas ruas ondas de povo a acompanhavam, sendo imponente o aspecto das praças onde estão edificados os passos da Paixão de Jesus Christo, na occasião em que a Via-Sacra parava, 4 ou 5 mil pessoas de todas as classes e condições cahiam de joelhos em plena praça desafiando d'esta arte o riso estúpido dos descrentes, e dando uma publica manifestação da sua fé, do seu amor pela religião ensinada por Aquelle que resgatara o mundo, que dera a liberdade aos homens, que acabara com o despotismo dos Cezares e emancipara a mulher.

Os nossos parabens aos mezarios da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Querem os leitores do *Progresso Catholico* rir a bandeiras despregadas? Pois leiam a seguinte noticia:

Por occasião da imponente e magestosa festividade com que a mocidade catholica da Covilhã solemnizou o 4.º anniversario da exaltação de Sua Santidade Leão XIII ao solio pontificio, diz-se que as tropas estiveram em armas n'aquella cidade!

Foi o que valeu, senhores liberdadeiros, que se não tomaes tal medida adeos *liberdade!*, adeos *progresso!*

A' mocidade promotora da festa os nossos parabens; a quem teve a tropa em armas, se é verdade, o gargalhar das presentes e futuras gerações.

Quando este numero do nosso jornal tiver chegado ás mãos dos seus leitores deve ter-se realisado um dos mais famosos melhoramentos de que tenha gosado a península hispanica. Referim-nos ao plano funicular, cuja inauguração se realisou, como estava annunciada no dia 25 do corrente. Não nos será possível assistir a essa festa, que marcará uma data brilhante nos annaes da cidade Augusta, e que será ao mesmo tempo principio de uma nova epocha para o Bom Jesus do Monte, para esse sitio que reúne tudo quanto póde agradar a um espirito christão, e a uma alma ávida das grandes alegrias que se encontram em meio dos esplendidos quadros da natureza; mas poucos dias depois, se Deus assim o quizer, contamos visitar a sagrada montanha, e então descreveremos o que vimos e o que da festa nos contarem. Por hoje damos os parabens ao Ill.º Sr. Manoel Joaquim Gomes, a quem se deve o melhoramento que Braga e o paiz vão gosar.

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XV

**A** PEREGRINAÇÃO imponente, por occasião do lançamento da primeira pedra para o monumento a Pio IX, o Grande, já não terá lugar, como se havia deliberado, no dia 10 do proximo abril.

A commissão promotora do monumento querendo revestir do maximo esplendor uma cerimonia que tanto ha de chamar as atenções do mundo catholico, espera que S. Ex.ª R.ªª o Snr. Arcebispo Primaz a venha abrilhantar com sua presença respeitabilissima, e como

S. Ex.ª R.ªª é quem ha de designar o dia, a commissão aguarda as determinações do venerando Metropolita bracarense para em seguida annunciar o dia em que se dará principio aos trabalhos de uma obra, que será o mais energico protesto firmado por um povo que, á custa dos maiores sacrificios, levou triumphante a bandeira das quinas por toda a parte onde espalhára as doutrinas de civilisação, progresso, amor, liberdade, que Jesus Christo viera ensinar aos homens e que ainda hoje são ensinadas pelos Papas a quem Portugal vae erguer esplendido padrão na pessoa do mais amavel de todos elles—Pio IX, o Grande!

A Imprensa e o monumento

São do nosso esclarecido collega e dedicado soldado da causa catholica, a *Nação*, as seguintes linhas, que transcrevemos reconhecidos:

«*Monumento a Pio IX.*—Já fallamos do monumento que em Guimarães se vae levantar á memoria do Pontifice da Immaculada, e dissemos então, como hoje repetimos, que aquelle monumento devia ser nacional, isto é, que para elle deviam concorrer os catholicos de todo o paiz, sem contudo querermos tirar a gloria, que de direito compete aos iniciadores d'esta idéa, e á dignissima commissão, que com o maior zelo tracta de a levar á execução.

O monumento tem um hymno seu, sendo a letra do nosso amigo e collega João de Lemos, e agora sabemos que este hymno será cantado, no acto de se lançar a primeira pedra, por muitas senhoras das principaes familias de Guimarães, que a isso se prestaram da melhor vontade. Honra ás nobres damas, que tão poderosamente vão concorrer, para abrilhantar aquelle solemne acto.

A festa prepara-se magnifica, e grande será a concorrência de leis, que, pelo facto de tomarem parte n'ella, vão lavrar solemne protesto a favor do Pontificado e contra os inimigos da Igreja.

Quando os desacatos mais horrosos se praticam até nas igrejas da capital, devem os catholicos redobrar de esforços para, por todos os meios ao seu alcance, desaggravarem a Magestade Divina, tão atrozmente offendida, e dar honra á Igreja.

E mostram não se esquecer do que devem á Igreja, aquelles que veem dar tão publico testemunho de amor e fiel respeito á tão querida memoria de Pio IX, o Grande.»

As commissões filiaes

Por carta que acabamos de receber do Ill.º e Ex.º Sr. Conde de S. Thago, sabemos que vae dar principio aos seus trabalhos a commissão por S. Ex.ª creada em Lisboa para colher donativos para o monumento. Não podia a capital da monarchia ser indifferente ao brado erguido na Penha de Viva o Papado.

Os nossos agradecimentos ao representante de uma familia respeitabilissima, e a todos os que para um fim tão santo concorrerem.

SUBSCRIPÇÃO PARA O MONUMENTO

Dos Ex.ºs e Ex.ªs Snr.ªs:

Parocho A. J. T. S., Guimarães, 1\$000	
—Padre João Gomes dos Santos, Guimarães, 1\$500	
—Jeronymo Theophilo Coelho de Souza Leão, S. Pedro de Roiz, 500	
—Conego João Ferreira Mendes d'Abreu, Guimarães, 3\$000	
—Padre Agostinho de Souza Gonçalves, Villa Pouca d'Aguiar, 500	
—«Subscrição promovida em Moimenta da Beira pelo digno Arcipreste Abbade José Manuel Ribeiro Botelho, seu, 2\$250	
—Luiz Antonio dos Reis Leitão, Abbade de Passô, 1\$000	
—Luiz José dos Reis Leitão, Passô, 500	
—Padre Antonio Teixeira Pinto Gomes, Leomil, 1\$000	
—Padre Manoel Cardozo Junior, Reitor dos Arcozellos, 1\$000	
—Padre José da Fonseca Ambrosio, Parocho da Faia, 500	
—Padre José Pereira Baptista, Parocho de Quintello do Lopo, 1\$000	
—Padre Francisco da Costa, Reitor de Pevo, 500	
—Padre José Gonçalves Branquinho, Parocho de Peravelha, 1\$500	
—Padre Francisco Ribeiro da Silva, Parocho de Alvite, 1\$000	
—Padre João Pereira Ramos, Parocho de Ariz, 500	
—Padre Antonio Pereira, Parocho do Sarzedo, 1\$000.	
Somma . . . . .	21\$250
Transporte geral, do n.º anterior . . . . .	612\$810
Subscrição aberta pela redacção do <i>Novo Mensageiro do Coração de Jesus</i> , de Lisboa . . . . .	67\$860
Somma total . . . . .	701\$920

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS